



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Eco Amazônia

Data: 06/09/2011

Link: <http://www.ecoamazonia.com.br/site/news.asp?cod=12162>

Caderno / Página: - / -

Assunto: Estudo mostra fragilidade econômica do manejo florestal

Estudo mostra fragilidade econômica do manejo florestal

Um estudo da USP mostrou que o manejo sustentável de florestas nativas é, ao menos do ponto de vista econômico, insustentável. A ideia do manejo é extrair as árvores para exploração comercial de forma controlada, com impacto ambiental mínimo, para garantir a preservação da floresta. O sistema é considerado como um caminho para gerar renda e frear o desmatamento ilegal na Amazônia. Mas, segundo a pesquisa, o modelo atual não permite a regeneração das árvores mais valiosas e tende a perder rentabilidade após o primeiro corte para comercialização da madeira.

A insustentabilidade econômica, aponta o estudo da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), pode fazer fracassar a política federal de concessão de florestas, além de impulsionar a busca por novas áreas de exploração.

"O manejo atual é baseado em um ciclo de corte de 30 anos. O que constatamos foi que esse intervalo não permite a recuperação das espécies com maior interesse comercial", diz o coordenador da pesquisa, Edson Vidal. As espécies mais afetadas são ipê-roxo (*Tabebuia impetiginosa*), jatobá (*Hymenaea courbaril*), freijó-cinza (*Cordia goeldiana*) e cedro-vermelho (*Cedrela odorata*).

No caso do jatobá, o rendimento em uma mesma área cai 80% entre o primeiro e o segundo corte, diz Vidal. O ipê é ainda mais problemático: uma área que renda 100 m³ hoje produzirá apenas 4 m³ em 30 anos. "Nossa preocupação é que, na ausência dessas árvores mais valorizadas, pode haver pressão [exploração ilegal] sobre novas áreas da floresta", diz o pesquisador.

MÉTODO - As estimativas de recuperação de florestas onde é feito o manejo sustentável foram obtidas ao longo de dez anos em uma área de 200 hectares no município de Paragominas (PA). Localizada em uma fazenda particular, a área foi dividida em três segmentos: 70 hectares foram explorados do modo tradicional; 100 hectares tiveram árvores retiradas seguindo técnicas de redução de impacto e 30 hectares foram mantidos intactos, para comparação.

Os resultados foram obtidos a partir da área explorada de forma menos agressiva. Segundo o professor, isso indica que as boas práticas de manejo não são suficientes para assegurar a recomposição e o valor comercial das florestas. O estudo sugere a adoção de ciclos de corte (intervalo entre um corte e outro) específicos por espécie ou grupo de espécies. No caso do jatobá, 50% da produtividade original pode ser retomada em 60 anos, diz a pesquisa.

Os resultados foram recebidos com contrariedade por representantes do setor florestal. O pesquisador, porém, afirma que o estudo não desaconselha o manejo. "Eu acredito no manejo, mas não vou deixar de apontar as questões que preocupam. É preciso mostrar à sociedade que algumas coisas precisam ser melhoradas."